

MISSÃO VERDE: DESCOBRINDO COMO AS TRILHAS INTERPRETATIVAS PODEM SALVAR A ESCOLA DO SUPERAQUECIMENTO

Palewa Lannay Soares Marinho¹ – UFU

Rayssa Costa da Silva² – UFS

Aline Lima de Oliveira Nepomuceno³ – UFS

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência pedagógica com alunos do ensino fundamental, focada na importância dos espaços verdes em ambientes urbanos. Esses locais, que incluem parques, jardins e áreas arborizadas, são essenciais para a qualidade de vida, pois ajudam a regular a temperatura, melhoram a qualidade do ar e oferecem espaços de convivência. No contexto educacional, eles podem ser integrados em práticas pedagógicas, como Trilhas Interpretativas. A atividade, inserida na perspectiva da Educação Ambiental, propôs aos estudantes observarem e compararem a sensação térmica em áreas com e sem vegetação, promovendo discussões sobre evapotranspiração, sombra e conforto térmico. A proposta também estimulou a elaboração de mapas, após a Trilha Interpretativa, com sugestões para ampliar as áreas verdes da escola, desenvolvendo atitudes de preservação ambiental e senso crítico. A avaliação foi realizada considerando a participação dos alunos e a qualidade dos mapas produzidos, demonstrando o potencial educativo das Trilhas Interpretativas para a promoção da sustentabilidade. A experiência demonstrou que a metodologia utilizada promove o aprendizado prático, desenvolvimento de habilidades críticas e colaboração.

Palavras-Chave: Ambiente Escolar; Educação Ambiental; Ensino Fundamental; Espaços Verdes; Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

Os espaços verdes, definidos como áreas vegetadas em ambientes urbanos, desempenham um papel crucial na promoção da qualidade de vida e na mitigação de problemas ambientais, como o aquecimento urbano. Segundo Batista (2017), esses espaços são essenciais para a preservação do meio socioambiental, contribuindo para a regulação térmica, a melhoria da qualidade do ar e o bem-estar da comunidade. A Educação Ambiental, conforme destacado por Reigota (1994), deve ser promovida em

¹ Graduanda de Ciências Biológicas Licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

² Graduanda de Ciências Biológicas Licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

³ Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

ambientes que vão além da sala de aula, utilizando espaços naturais como cenários educativos.

As Trilhas Interpretativas, nesse contexto, surgem como uma metodologia eficaz para engajar os estudantes na exploração das interações entre natureza e sociedade. Jacobi (2003) destaca que práticas de educação ambiental que envolvem o contato direto com o ambiente, como trilhas interpretativas, são essenciais para promover a conscientização sobre a sustentabilidade, pois proporcionam aos alunos uma vivência prática e crítica sobre o meio ambiente. Trabalhos como de Ribeiro *et al.* (2020) também ressaltam a necessidade de planejamento de Trilhas Interpretativas em unidades de conservação, ampliando o entendimento dos alunos sobre a biodiversidade local, a fim de promover o senso crítico sobre as questões presentes no ambiente que ele habita. Essa abordagem é fundamental para formar cidadãos comprometidos com a sustentabilidade e a conservação dos recursos naturais.

Diante do exposto, uma atividade pedagógica foi realizada com alunos do ensino fundamental maior, no Centro de Excelência Prof. José Carlos de Souza, localizado na cidade de Aracaju-SE, com o tema "Missão Verde – Descobrimos como as Trilhas Interpretativas podem salvar a escola do superaquecimento", o objetivo foi sensibilizar os alunos sobre a importância dos espaços verdes na mitigação do aquecimento global e na melhoria do ambiente escolar.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

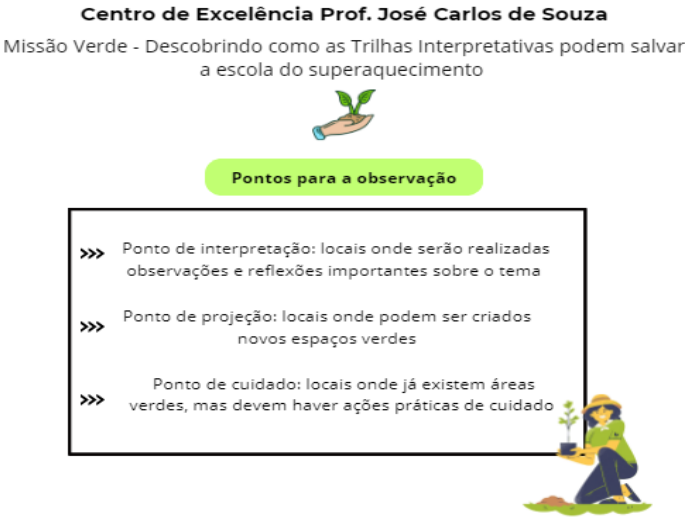
A Missão Verde ocorreu em três etapas: introdução teórica, Trilha Interpretativa e discussão em grupo. Na introdução, foram apresentados conceitos fundamentais, incluindo a definição de espaços verdes e a sua importância, a relação desses espaços com a Educação Ambiental e o que são as Trilhas Interpretativas. Durante a trilha, os alunos observaram e sentiram as diferenças térmicas em áreas com e sem vegetação, seguindo três tipos de pontos: *pontos de interpretação*, *pontos de projeção* e *pontos de cuidado* (Tabela 1). O conceito dos pontos da trilha foi entregue para os alunos em uma folha impressa (Figura 1), nela cada ponto foi descrito de maneira detalhada, permitindo que os alunos destacassem a qual área observada cada ponto correspondia.

Tabela 1: Conceitos dos pontos na trilha interpretativa

Tipo de Ponto	Descrição	Objetivo
Ponto de Interpretação	Áreas onde os alunos realizam observações e reflexões sobre os impactos da vegetação.	Compreender como a vegetação influencia a temperatura e a qualidade do ambiente.
Ponto de Projeção	Locais onde os alunos imaginam a criação de novos espaços verdes e sugerem melhorias.	Fomentar a criatividade e a reflexão sobre como aumentar as áreas verdes na escola.
Ponto de Cuidado	Áreas com vegetação existente, onde os alunos discutem ações de preservação e cuidado.	Desenvolver atitudes de responsabilidade e cuidado com os espaços verdes já existentes.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Figura 1: Modelo da folha impressa entregue aos alunos



Fonte: Elaboração própria (2024).

Durante a trilha, os alunos foram orientados a observar as diferenças de temperatura em áreas com e sem vegetação. Em cada ponto, foram feitas paradas estratégicas para discussão, onde os alunos puderam compartilhar suas percepções sobre o ambiente, as sensações térmicas experimentadas e as implicações disso para o dia a dia da escola (Figura 2). Conforme Carvalho (2001), o ambiente externo na educação proporciona aos alunos a oportunidade de observarem fenômenos naturais de forma direta, estimulando o aprendizado ativo e o desenvolvimento do pensamento científico.

Nesse sentido, a abordagem possibilitou aos alunos uma experiência prática e engajadora, gerando um ambiente de aprendizado colaborativo e instigante. Os alunos demonstraram bastante interesse, animação e curiosidade no momento da realização da

atividade, acredita-se que essas reações sejam frutos da saída para o ambiente externo da escola, uma vez que os alunos estão acostumados a estarem na sala de aula no cotidiano. Portanto, isso colaborou para um ambiente mais acolhedor, fator que estimula o questionamento e a troca de conhecimentos ao permitir que diversas perspectivas dos estudantes fossem consideradas.

Figura 2: Realização da trilha



Fonte: Autoria própria (2024).

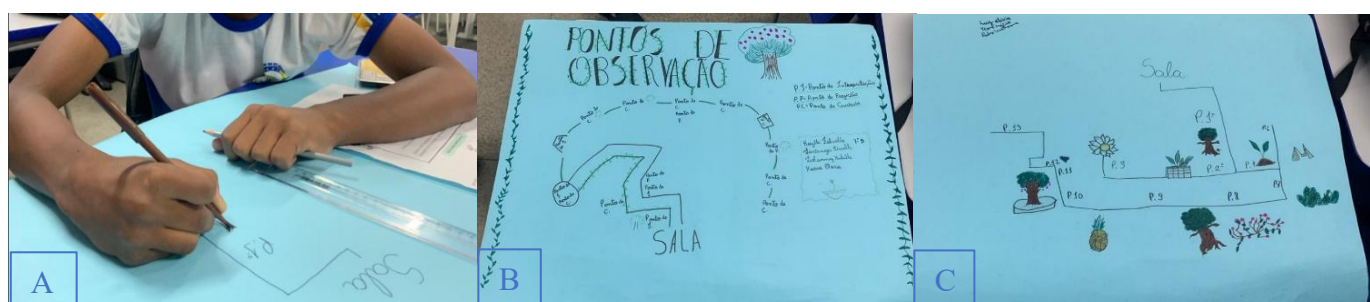
Durante o percurso, eles observaram que, apesar de a escola possuir várias áreas verdes, muitas delas estavam sem manutenção adequada, bem como perceberam que os espaços com potencial para serem agradáveis e funcionais estavam abandonados e sem o devido cuidado, isso gerou uma discussão entre os grupos sobre a importância de não só ampliar as áreas verdes, mas também garantir sua conservação e manutenção contínua. Levando isso em consideração, os alunos discutiram que esses espaços além de serem *pontos de informação* poderiam ser também *pontos de cuidado*, pois um local desassistido e com entulhos, é um ótimo local para o surgimento de animais peçonhentos, vetores de doenças, entre outros, sendo um risco para a comunidade escolar.

Apesar de chegarem à conclusão de que os espaços verdes presentes na escola eram, em sua maioria, *pontos de cuidado* e *informação*, os estudantes sugeriram muitas alternativas para a criação de *pontos de projeção* na escola. Um dos principais interesses foi a criação de áreas com árvores frutíferas, pois além de fornecerem sombra para refeições e momentos de socialização, poderiam também fornecer frutos.

Após a trilha, os alunos retornaram à sala de aula e foram divididos em grupos menores para discutir suas observações e criar um mapa que identificasse as áreas da escola que poderiam ser melhoradas com a inclusão de novos espaços verdes e a revitalização das áreas já existentes (Figura 3). Cada grupo foi incentivado a apresentar propostas concretas, como a plantação de árvores, criação de jardins ou hortas, e melhorias em áreas já existentes.

Figura 3: Criação do mapa das áreas observadas e dos pontos (

A. Aluno iniciando o desenho do mapa; B. Mapa realizado pelo grupo 1; C. Mapa realizado pelo grupo 2.)



Fonte: Autoria própria (2024).

Essa atividade não apenas promoveu a colaboração entre os alunos, mas também desenvolveu habilidades de trabalho em equipe e pensamento crítico. As apresentações finais promoveram um momento de aprendizagem com troca de ideias sobre os pontos que foram identificados durante a trilha por cada grupo, os problemas observados nos espaços e as melhorias a serem realizadas, permitindo que os alunos defendessem suas propostas e discutissem a viabilidade das intervenções sugeridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência demonstrou a eficácia das trilhas interpretativas como metodologia de ensino, proporcionando uma aprendizagem sensibilizadora. Os alunos não apenas entenderam os conceitos teóricos, mas também puderam aplicá-los em um contexto real, desenvolvendo uma relação mais próxima com o meio socioambiental. Essa abordagem contribuiu para a formação de cidadãos comprometidos com a sustentabilidade, estimulando um comportamento proativo em relação à preservação dos espaços verdes e à melhoria da qualidade do ambiente escolar.

A atividade reafirma a importância de integrar a Educação Ambiental ao currículo escolar, utilizando práticas ativas que envolvam os alunos de maneira sensibilizadora e que os preparem para enfrentar os desafios socioambientais contemporâneos, como a relação entre os espaços verdes e o combate ao superaquecimento que promove a melhoria da qualidade de vida no ambiente, mitigando os efeitos das mudanças climáticas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, I. S. **Importância de um espaço verde no ambiente escolar: trabalhando a Educação Ambiental em São Gonçalo do Amarante**. 2017. 215 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/23834>. Acesso em: 5 de out. 2024

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2001.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, v. 118, p. 189-205, 2003. Disponível em: <https://scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrfTmfHxktgnt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 de out. 2024

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Á. M. O.; BLENGINI, I. A. D.; CAVALCANTI, S. G. S.; CASTRO, F. J. S. **Planejamento de uma trilha interpretativa em uma unidade de conservação de Sergipe**. In: VIII Encontro Sergipano de Educação Ambiental, 08., 2022, São Cristóvão. Anais [...]. Disponível em: https://gepease.com.br/esea/wp-content/uploads/2024/03/PLANEJAMENTO-DE-UMA-TRILHA-INTERPRETATIVA_IDENTIFICADO.docx-1.pdf. Acesso em: 5 de out. 2024.